

# UMA ANÁLISE DIALÓGICO-DISCURSIVA DA CONSTITUIÇÃO DOS ARTISTAS QUE COMERCIALIZAM SUAS ARTES NA UFAL

*André Cordeiro dos Santos\**

*Joseane Santos\*\**

*Marta Marinho\*\*\**

*Rita de Cássia Souto Maior\*\*\*\**

## RESUMO

Adotando a concepção social de linguagem do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929]; VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]), na qual a linguagem é constitutiva do sujeito já em suas primeiras instâncias, neste trabalho buscamos investigar a constituição dos artistas que comercializam sua arte na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Para tanto, procedemos à coleta de dados por meio de entrevista com três artistas que comercializam sua arte na UFAL. A partir da análise desses dados discursivos, foi possível perceber que os discursos de outrem são tomados à constituição desses sujeitos em relação de diálogo e/ou tensão. Outrossim, foi possível perceber, a partir da análise dialógico-discursiva, que a constituição de sujeito desses artistas apoia-se em questões que ora os fazem se nomear como artistas de rua, em relação a suas práticas, ora enquanto *hippies*, por conta da sua ideologia de vida.

**Palavras-chave:** Artistas; Sujeito; Marcas altermárias.

## ABSTRACT

By adopting the social conception of language of the Bakhtin's Circle (BAKHTIN / VOLOCHÍNOV, 2006 [1929]; VOLOCHÍNOV, 2013), in which language is constitutive of the subject since its first instances, in this work we seek to investigate the constitution of the artists who commercialize their art at the Federal University of Alagoas (UFAL). Therefore, we proceeded to collect data through an interview with three artists who commercialize their art at UFAL. From the analysis of these discursive data, it was possible to perceive that the speeches of Others are taken to the constitution of these subjects in relation of dialogue and/or tension. Moreover, it was possible to perceive, from the dialogical-discursive analysis, that the constitution of subject of these artists relies on questions that sometimes make them to name like street artists, in relation to their practices, sometimes as hippies, on account of the their ideology of life.

**Keywords:** Artists; Subject; Otherness marks.

---

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL

\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL

\*\*\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL

\*\*\*\* Doutora em Letras e Linguística, professora da Faculdade de Letras da UFAL

## INTRODUÇÃO

Pensar as relações sociais passa, impreterivelmente, pela questão da linguagem, já que todo ser humano se constitui discursivamente, pela linguagem, em um processo de interação com *Outrem* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929]). Desse modo, partir desse entendimento implica que compreender as relações sociais, as quais se dão em um dado contexto de interação verbal-social, requer a consideração das questões discursivas, ideológicas e dialógicas que tomam forma na, e pela linguagem.

Nesse processo de constituição de si mesmo pela linguagem e na alteridade – na relação com outros sujeitos sociais –, o indivíduo vai incorporando valores dos grupos sociais dos quais faz parte e se diferenciando dos valores de grupos sociais diversos dos seus a partir dos processos ideológicos de reflexo e refração. Por conseguinte, o sujeito acaba sendo perpassado por vozes que estão em relação de diálogo e/ou de tensão com o lugar único que ele ocupa no mundo, ou pensa ocupar.

Pensando assim, por consequência, compreender a constituição de sujeitos de grupos sociais discriminados requer a consideração dialógico-discursiva das diferentes vozes, em relação de diálogo e/ou de tensão, que se avultam por meio do discurso dos membros desse próprio grupo.

À vista disso, e como parte de disciplina de análise discursiva de dados em Linguística Aplicada, do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, neste trabalho buscamos investigar as marcas alteritárias que se mostram por meio dos discursos de sujeitos de um grupo social discriminado, os artistas de rua que comercializam seus produtos na Universidade Federal de Alagoas (doravante, UFAL). Para tanto, elencamos as seguintes questões como norteadoras desta pesquisa: 1) *Qual a visão que os artesãos<sup>1</sup> que comercializam seus produtos na UFAL têm de si mesmos?* 2) *Como os artesãos que comercializam seus produtos na UFAL se veem através da sociedade?*

Diante desses questionamentos, o nosso objetivo geral de pesquisa foi o de compreender, pela linguagem, a constituição do sujeito artista de rua que comercializa sua arte na UFAL. Além deste objetivo, pensamos especificamente em: *investigar marcas dialógico-discursivas que evidenciam o lugar que os artesãos que comercializam na UFAL consideram ocupado na sociedade e analisar a presença de marcas alteritárias na constituição dos artesãos que comercializam seus produtos na UFAL.*

Como já indiciado acima, para o desenvolvimento dessa investigação qualitativa e de natureza indutiva (ANDRÉ, 1995), recorreremos à noção de linguagem do Chamado Círculo de Bakhtin – composto por Bakhtin, Volochínov, Medvedév, entre outros – que é essencialmente social-ideológica-dialógica. Ou seja, nessa noção de linguagem, as questões de ordem social perpassam toda a linguagem.

Dito isso, passemos à discussão, ainda que sumária, da noção de linguagem do Círculo de Bakhtin.

---

1 Apesar de aqui usarmos a palavra “artesãos” para denominar os indivíduos do grupo investigado, na parte de análise será evidenciado que eles não se reconhecem como artesãos, preferindo a denominação “artistas de rua”.

## 1 A CONCEPÇÃO SOCIOLÓGICA DE LINGUAGEM DO CÍRCULO

Como já mencionamos anteriormente, pensar a linguagem é pensar as próprias relações sociais, pois o ser humano é, por natureza, um ser de linguagem, sendo por meio dela que ele vive em sociedade, comunica-se e constrói suas relações, sendo-lhe possível interagir, relatar, expor, informar, criticar, opinar, posicionar-se, etc. Desse modo, podemos dizer que a linguagem se encontra na base da organização social, pois é por meio dela que a sociedade se organiza e seus membros interagem entre si, como bem lembra Bakhtin/Volochínov (2006 [1929]) ao se deter na dimensão social-marxista da linguagem.

Essa concepção de linguagem que embasa a nossa investigação surge de um contraponto que Bakhtin/Volochínov (2006 [1929]) faz às duas principais correntes linguístico-filosóficas do início do século XX, que são por ele nomeadas de *Subjetivismo idealista-individualista* e *Objetivismo abstrato*. O contraponto do autor a essas duas perspectivas surge da crítica ao fato de as duas tendências linguístico-filosóficas desprezarem o social, focando, no caso do subjetivismo, apenas no psíquico-individual e, no caso do *objetivismo*, no sistema abstrato de signos.

Esse contraponto se deve ao fato de Bakhtin/Volochínov (2006 [1929]) compreenderem que a linguagem só ganha vida nas relações de interação verbal, sendo, portanto, impossível dissociá-la das questões que dizem respeito ao fator social. Assim, ele propõe uma *Filosofia Marxista da Linguagem*<sup>2</sup> que pode ter suas proposições-base sintetizadas da seguinte forma: o sistema de signos, por si só, não dá conta da realidade dos fenômenos linguísticos; a língua é entendida como um fenômeno em processo e esse processo se efetiva pela interação; as leis da evolução da linguística são sociológicas; a criatividade de uma língua está ligada aos valores ideológicos e essa criatividade é originada de uma necessidade social; e a enunciação é puramente social/ideológica.

Com essa concepção de linguagem, o Círculo traz o enunciado para o cerne dos estudos da linguagem e passa a compreendê-lo como a unidade por excelência da interação verbal. Além disso, ainda no que se refere a essa unidade por excelência da interação verbal, segundo Volochínov (2013 [1930]), o enunciado é visto como sendo constituído por uma parte verbal e uma extraverbal: a parte **verbal** corresponde à *entonação*, à *seleção de palavras* e à sua *disposição no interior do enunciado* (p. 174); a parte **extraverbal** corresponde a *situação* (que engloba o espaço e tempo, o objeto ou tema e a atitude dos falantes face ao que ocorre [p. 172]) e o *auditório* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]).

2 “[...] o Círculo inaugura uma discussão bastante inédita dentro da tradição marxista visto que esta, hegemonicamente, destaca o caráter derivado da linguagem, posicionando-a como secundária no processo de formação do ser social à medida que prioriza o trabalho como primeira instância de mediação entre o homem e a natureza e dos homens entre si. Os pensadores russos, contrariando essa tradição de centralidade do trabalho, enfatizam que a linguagem é formadora do ser social já em suas primeiras instâncias de relacionamento social. O homem não tem uma linguagem da qual pode se apossar para se relacionar, mas se dá enquanto linguagem e esta parte das condições materiais de existência, constituindo-se nas relações concretas do cotidiano, ou seja, tem uma base material. Entretanto, diferentemente da tradição marxista, a linguagem, embora seja oriunda das condições concretas do existir humano, refletindo essas circunstâncias, também as refrata, pois não é reprodução do real, ou simples nomeação” (FANINI, 2015, p. 19).

Além disso, o enunciado, para o Círculo, se constitui como uma zona de diálogo e/ou de tensão entre diferentes vozes que podem ser percebidos por meio das marcas discursivas de dialogização dos dizeres. Essas marcas são sintetizadas por Santos (2015), a partir dos estudos do Círculo. Para o autor, elas se evidenciam, no plano da enunciação, por meio:

[...] da orientação social, para o outro; da presença de diferentes vozes sociais que dialogam ou se conflitam; da materialização do enunciado enquanto elo entre os já-ditos e a presunção de respostas; da adequação ao contexto enunciativo; e das marcas valorativas/emotivo-volitivas/axiológicas do sujeito em relação ao objeto da enunciação (SANTOS, 2015, p. 21).

Desse modo, percebemos que o sujeito é trazido à discussão sobre a linguagem, não podendo o estudo da língua viva em situação de interação verbal prescindir da sua consideração, pois, caso o sujeito não seja considerado, a construção de sentido ficará comprometida.

Sabendo dessa imbricação do sujeito com a linguagem, passemos à discussão da noção de sujeito que também servirá de base para a nossa análise.

## 2 A NOÇÃO DE SUJEITO DO CÍRCULO

Nos escritos do Círculo, não há reflexões específicas sobre a noção de sujeito, mas esta emerge (está atrelada a) do seu entendimento de linguagem. Por isso, ao falar da natureza social/ideológica da linguagem, Bakhtin/Volochínov (2006 [1929]) tocam na questão da constituição social da consciência do indivíduo (sujeito) e defende que ela é, também, um fenômeno puramente ideológico e social.

Desse modo, ao tomar a linguagem como centro organizador das relações sociais entre indivíduos, o autor a traz para um lugar de importância primeira a todos os processos de interação nos quais o ser humano está envolvido. Mas não é só isso. Para Bakhtin/Volochínov (2006 [1929]), a própria constituição como sujeito se dá pela linguagem, ou seja, “O indivíduo [...] apresenta-se como um fenômeno puramente socioideológico” (2006 [1929], p. 58).

Esse modo de pensar evidencia a concepção marxista de linguagem do Círculo (ressaltando uma nova perspectiva dentro da tradição Marxista), na qual se enfatiza “[...] que a linguagem é formadora do ser social já em suas primeiras instâncias de relacionamento social” (FANINI, 2015, p. 19), pois, para O Círculo, a linguagem é ideológica e é a partir dela que o indivíduo se constitui como **ser-único** (sujeito), isso porque, para Bakhtin/Volochínov, o sujeito como tal reflete e refrata a si mesmo e a realidade por meio dos signos linguísticos, ou seja, “O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também *se refrata*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p. 45).

Logo, o entendimento de sujeito enquanto ser ideológico começa a se configurar a partir das reflexões da natureza social/marxista de linguagem. Esse entendimento é fundamental para se prosseguir com a noção de sujeito bakhtiniano (ainda que implícita na de linguagem), pois, para Bakhtin/Volochínov, qualquer que seja o tema ideológico, esse vai ter sempre um índice de valor que chega à consciência do sujeito e ele vai ser refletido e refratado de modo individual em cada ser-único. Nas palavras do autor,

O tema ideológico possui sempre um índice de valor social. Por certo, todos estes índices sociais de valor dos temas ideológicos chegam igualmente à consciência individual que, como sabemos, é toda ideologia. Aí eles se tornam, de certa forma, índices individuais de valor, na medida em que a consciência individual os absorve como sendo seus, mas sua fonte não se encontra na consciência individual. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p. 44)

É nesse sentido que Fiorin (2008, p. 55), ao falar do que ele entende como sendo o terceiro tipo de dialogismo do Círculo (dialogismo constitutivo do indivíduo-sujeito), diz que o sujeito bakhtiniano vai se constituindo discursivamente, e constituindo sua consciência, por meio da apreensão das vozes sociais que constituem a realidade na qual o indivíduo está imerso e, também, através de suas interações dialógicas. Essas vozes, a partir de um jogo de interação complexo, dão origem a um ser social e ao mesmo tempo individual.

Além desse tipo de dialogismo, Fiorin (2008) defende que há mais dois: o dialogismo constitutivo e o dialogismo composicional<sup>3</sup>. No que se refere ao dialogismo constitutivo, o autor diz que um enunciado só adquire sentido em relação com outros enunciados, por isso a relação de diálogo é inerente ao enunciado, é constitutiva dele; já o dialogismo composicional, para Fiorin, relaciona-se à apropriação do discurso de outrem (nas suas diferentes formas, marcadas ou não) na constituição de enunciados.

Fiorin (2008), também, afirma que, no processo de constituição do sujeito, há, semelhantemente à linguagem, um jogo de forças centrípetas e forças centrífugas<sup>4</sup>, pois, para ele, nesse processo,

Há vozes que são incorporadas como a voz de autoridade. É aquela a que se adere de modo incondicional, que é assimilado como uma massa compacta e, por isso, é centrípeta, impermeável, resiste a impregnar-se de outras vozes, a relativizar-se. [...] Outras são assimiladas como posições de sentido internamente persuasivas. São vistas como uma entre outras. Por isso, são centrífugas, permeáveis à impregnação por outras vozes, à hibridização, e abrem-se incessantemente à mudança (p. 56).

Para o autor, o sujeito bakhtiniano é resultado do embate desses tipos de vozes; desse embate de forças.

Esse processo de interação de vozes sociais na constituição de um ser individual é característico do modo pelo qual, nos estudos do Círculo, “*o organismo e o mundo encontram-se no signo*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p. 47, grifos do autor). Assim, colocando o signo, que é “ideológico por excelência”, como um dos pontos centrais da constituição do sujeito, Bakhtin/Volochinov entendem que o sujeito é puramente socioideológico.

---

3 Cabe ressaltar que os propósitos de Fiorin são didáticos, já que esta obra do autor se trata de uma obra introdutória ao pensamento de Bakhtin. Na verdade, essa tripartição não existe no constructo teórico do estudioso e, além disso, ela deixa de fora questões importantes ao dialogismo bakhtiniano, como, por exemplo, o diálogo que se instaura na linguagem com o contexto extraverbal. Por isso, não concordamos que o dialogismo bakhtiniano se resume a essa tripartição.

4 Forças de centralização e dispersão, respectivamente.

O conhecimento desse processo de constituição da consciência é necessário ao entendimento da dimensão valorativa da enunciação. Ele permite entender que as práticas de linguagem que se dão em contexto social não podem ser tidas como neutras, pois advêm de um ser que é ideológico. Não se pode esquecer que a alteridade é a condição *sine qua non* do sujeito, mas, ao mesmo tempo, não se pode esquecer também que o ser que se constitui nunca é simples reflexo dos outros seres ideológicos das esferas da qual ele faz parte, pois, também, se dá um processo de refração através do qual o sujeito se mostra como detentor de um selo de sua individualidade. É com vistas a isso que Bakhtin/Volochínov defendem que

Se o conteúdo do psiquismo individual é tão social quanto a ideologia, por outro lado, as manifestações ideológicas são tão individuais (no sentido ideológico deste termo) quanto psíquicas. Todo produto da ideologia leva consigo o selo de individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p. 58)

Ainda a esse respeito, segundo Teixeira (2006, p. 229), a visão sobre sujeito de Bakhtin “emerge e se sustenta na enunciação, entendida como um processo em que o *eu* se institui através do *outro* e como *outro* do *outro*, sendo pela inter-relação entre dialogismo e alteridade que se pode tentar cercar a subjetividade em Bakhtin”. Desse modo, o sujeito, assim como o enunciado, é constituído de um diálogo único em cada momento discursivo.

Partindo dessa visão, Dahlet (1997, p. 77 *apud* TEIXEIRA, 2006, p. 229) considera que “o dialogismo bakhtiniano se fundamenta na negação da possibilidade de conhecer o sujeito fora do discurso que ele produz” e Teixeira (2006, p. 229) completa explicando que esse é o motivo pelo qual não há uma teoria do sujeito como objeto, mas, sim, “uma teoria da linguagem fundada na ideia de que a interação verbal é o modo de ser social dos indivíduos”. Ou seja, para Bakhtin, não há sujeito sem linguagem.

Com isso, servindo-se de pensamento de Dahlet (1997, p. 60) a respeito do sujeito bakhtiniano, Teixeira (2006, p. 230) afirma que

Bakhtin relança a problemática do sujeito em uma concepção dinâmica de enunciação, como produto de uma voz na outra, em que a significação é produzida em direções diferentes, sob as pressões de um dialogismo que remete a ancoragem do sujeito à realidade do discurso, entendido como uma ‘*construção híbrida*’, (*in*) *acabada, por vozes em concorrência e sentidos em conflitos*” (grifos do autor)

É nesse sentido que a compreensão do sujeito se faz relevante para a compreensão dos valores que são inculcados nas palavras que materializam a interação verbal por meio de enunciados. O diálogo de vozes e valores que atua na linguagem opera-se a partir de um sujeito que se institui pela linguagem e, por isso, é visto, assim como o enunciado, como evento.

Buscando sintetizar essa visão de sujeito do Círculo, trazemos a seguir excerto de Severo (2008), que se debruça sobre os textos dos estudiosos russos, perseguindo essa noção de sujeito, e mostrando os caminhos à análise desse sujeito bakhtiniano. Para Severo,

[...] o sujeito/indivíduo em Bakhtin deve ser visto em relação às categorias de dispersão (ao invés da centralização), do concreto (ao invés do abstrato), do singular (ao invés do repetido), da alteridade (ao invés do eu), do diálogo (ao invés do monólogo), do convívio (ao invés da solidão), do discurso (ao invés do sistema abstrato de signos), do heterogêneo (ao invés do homogêneo), do sentido (ao invés da significação) e do devir (ao invés da cristalização) (SEVERO, 2008, p. 59).

E a autora acrescenta que esse sujeito nem é autônomo nem criador de sua linguagem, ele é constituído na alteridade e atravessado pelos diferentes usos de linguagem das esferas nas quais ele se inscreve (p. 60).

É com base nessa compreensão de sujeito que procedemos, na seção seguinte, à análise discursiva dos dados obtidos por meio de entrevistas com artistas que comercializam sua arte na UFAL.

### **3 UM OLHAR DIALÓGICO PARA O DISCURSO DOS ARTISTAS QUE COMERCIALIZAM SEUS PRODUTOS NA UFAL**

Nesta parte do texto, lançamos olhar aos dados obtidos por meio de entrevista com três artistas que comercializam seus produtos na UFAL – sujeito1, sujeito2 e sujeito3, respectivamente. Para geração de dados, fizemos entrevistas com perguntas que versavam sobre a sua constituição em relação a suas práticas e sobre como eles se sentiam vistos pela sociedade (vide questões em apêndice). Para a realização dessas entrevistas, procuramos os artistas em seus espaços de trabalho dentro do *Campus* UFAL e, dentre todos, três deles aceitaram ser entrevistados. Essas entrevistas foram registradas em gravador de voz. Além disso, cabe ressaltar que, inicialmente, pretendíamos realizar a entrevista de forma individualizada com os sujeitos, mas, no decorrer da primeira entrevista, os outros dois entrevistados acabaram respondendo também às perguntas e, desse modo, a entrevista acabou se dando com os três sujeitos ao mesmo tempo.

Para essa análise, trouxemos excertos dos discursos dos artistas, analisando-os a partir da concepção de linguagem e sujeito que esboçamos acima. Diante de todos os dados obtidos, os excertos selecionados para análise foram aqueles característicos dos momentos nos quais as marcas alteritárias de constituição de si enquanto sujeitos artistas de rua se evidenciaram. Dito isso, passemos à análise dos dados.

A primeira questão feita aos sujeitos de pesquisa versou sobre como eles se definiam em relação a suas práticas. A questão foi respondida pelo sujeito1 da seguinte forma:

a gente é artista de rua, véi, porque a gente faz de tudo que você imaginar pra gente fazer... Se a gente não souber a gente tenta. Então, pra gente, nada é difícil... Aquilo que pra vocês é difícil, pra gente não é nem um pingo. A gente faz até brincando.

Pelo excerto acima, já percebemos marcas dialógicas que cooperam com a constituição dos indivíduos investigados como sujeitos, pois percebemos que eles se afirmam em relação a suas práticas a partir do contraponto a outrem (*“o que pra vocês é difícil, pra gente não é nem um*

*pouco*”). Percebemos, assim, pelo contraponto entre o “*vocês*” e o “*a gente*”, a orientação social para o outro que serve como meio à individualização em relação à alteridade (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]; SANTOS, 2015).

Além disso, contrariamente ao que tínhamos pensado de início, os sujeitos de pesquisa não se denominam artesãos. Eles se denominam artistas de rua, pois, ainda segundo o sujeito1, complementado pelo sujeito2, eles não seriam artesãos

porque o artesão é aquela pessoa que fabrica várias peças, que nem no mercado de arte que tem na praia. Ali, as meninas têm uma loja grande e já têm gente trabalhando pra elas. Ali é artesã. A gente é artista de rua porque a gente produz pra nós mesmos, pro nosso consumo, pro nosso dia a dia. (Sujeito1)

E a gente não faz só isso, a gente trabalha com música, a gente trabalha com tudo [...] com teatro, com artesanato... (Sujeito2)

A partir dos excertos acima, podemos perceber mais marcas alteritárias, característica do diálogo e conflito entre vozes que constituem discursivamente o sujeito (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929]; FIORIN, 2008). O sujeito que se mostra acima pela linguagem, já que ele só é acessível pela linguagem (TEIXEIRA, 2006), é marcado pela tensão entre diferentes discursos, pois, no contraponto entre “*aquela pessoa que fabrica várias peças*” e “*as meninas que têm loja*” com o “*a gente*”, eles evidenciam que não são o que o outrem é: ele não é artesão, porque as suas práticas, suas relações sociais caracterizam-no de forma diversa do que ele entende constituir práticas sociais características da vida do artesão. Esse modo de ver a si mesmo em relação a suas práticas é indicativo do lugar social que os artistas ocupam, ou pensam ocupar na sociedade.

Ao serem questionados sobre as dificuldades que eles enfrentam, percebemos que os sujeitos se colocam em relação de diálogo com a alteridade, para dizer que enfrentam as mesmas dificuldades que qualquer ser humano, pois, segundo o sujeito2, “*A gente é humano igual a todos*”. Desse modo, percebemos a interação de discursos sociais que se harmonizam para constituir o que é comum a todo ser, segundo os sujeitos investigados. No entanto, ao complementar a resposta dada pelo sujeito2, o sujeito1 evidencia um discurso que os singulariza, portanto evidencia uma relação de tensão, em relação aos demais. Vejamos:

Só que a gente não tem um trabalho formal com carteira assinada, mas a gente tem a nossa rotina, só que a nossa rotina é um pouquinho diferente da de vocês. Porque a gente aproveita o nosso tempo, vocês, não! Vocês ficam dependendo de porra de patrão, tem que ficar trabalhando ali certinho, chegar sete da manhã e sai de doze horas da noite, de carteira assinada, meia hora se for pra almoçar, ou uma hora dependendo da ocasião, a gente não, a gente almoça, senta, resenha, brinca, conversa, trampa, trabalha.

No excerto supramencionado, percebemos que há uma relação conflituosa de discurso que serve, mais uma vez, para a singularização da constituição como sujeito dos investigados. No contraponto entre o “*a gente*” e o “*vocês*”, eles se caracterizam como sujeitos que aproveitam a vida, que sentam, ‘resenham’, brincam, conversam ‘trampam’ e trabalham e, conseqüentemente,



se diferenciam dos outros (“vocês”) que seguiriam uma rotina diversa da deles. Esse modo de ver a si mesmo é indicativo da singularização característica do sujeito na perspectiva bakhtiniana, segundo Severo (2008).

Ainda a esse respeito, o sujeito 3 acrescenta: *“hoje eu arrumei um dinheiro bom, amanhã, eu não preciso trabalhar”*. Ressaltando a sua ideologia de vida, os sujeitos evidenciam que suas práticas sociais são características de uma ideologia de vida, na qual há mais liberdade quanto ao quê, quando e como fazer, o que também se indicia por meio do seguinte dizer do sujeito 3: *“A coisa mais prazerosa é você ser dono do seu próprio emprego, você ser dono de si”*. Assim, as questões de ordem social-ideológica se refletem na constituição desses sujeitos, pois, se a linguagem é social e é meio à constituição dos sujeitos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929]), o sujeito também o é.

Além disso, ao serem questionados sobre como eles se sentem vistos pela sociedade, o sujeito1 respondeu que *“Já chegaram muitos pra falar que a gente era maloqueiro, que a gente era alcoólatra, drogado”*. A partir desse discurso, percebemos que através da linguagem as relações de discriminação tomam forma, revelando a ideologização no modo de os ver, de ver a sua ideologia de vida. Isso ressalta o caráter ideológico da linguagem (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929]) e evidencia que a linguagem serve de meio à disseminação de preconceitos.

É interessante contrapor esse dizer ao que foi dito em relação ao questionamento sobre o motivo da escolha da Universidade Federal de Alagoas para a comercialização de sua arte. A esse questionamento, o sujeito3 respondeu: *“Aqui é massa! Aqui é uma mãe [...] O povo aqui ajuda bem, o povo aqui é bem generoso”*. Ainda a esse respeito, o sujeito1 completou, *“véi, é nossa amizade, é que a gente tem amigo que só a poxa estudando aqui”*. Essas respostas evidenciam que as interações entre sujeitos são determinadas por relações que estes estabelecem com o meio e com os sujeitos que fazem parte desse meio, o que aponta para o fato de o ser humano ser um ser de linguagem, pois, por meio dela, é que ele se inscreve nas relações sociais das quais faz parte (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929]).

Além dos questionamentos acima, buscamos saber se eles já haviam se sentido constrangidos devido às práticas que eles desempenham e pedimos para descrever uma dessas situações, se a resposta fosse positiva. Esse questionamento foi respondido da seguinte forma pelo sujeito1: *“sim”*, e o sujeito 2 completou: *“Uma vez, aqui em Maceió mesmo, eu vinha andando na rua assim, aí, uma senhorinha vinha andando assim, com a sacolinha na mão, aí, eu falei ‘bom dia!’, ela olhou pra mim e falou ‘quero não!’, foi simhora!”*. Ao trazer o discurso de outrem para descrever uma situação de constrangimento, percebemos mais uma vez que o discurso, devido a seu caráter valorativo (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]), serve de meio ao estabelecimento de relações tensas; outrossim, serve de meio a constituições alteritárias do lugar menosprezado que sujeitos de grupos discriminados ocupam na sociedade.

Por fim, pedimos que definissem suas vidas, seus trabalhos e seus anseios. O sujeito2 respondeu da seguinte forma: *“Paz, amor, fraternidade, alegria...”*. Além disso, o sujeito 3 declarou o seguinte *“É difícil viver de arte! [...] Mas não tem coisa mais satisfatória, você fazer uma arte [...] aí, chega uma pessoa e se identifica: ‘caraca, meu irmão! Eu sonhei com essas cores ontem!’, chega uma pessoa e agradece... Tem coisa mais satisfatória que isso?!”*. No excerto do sujeito3, percebemos,

mais uma vez, a interação de vozes (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1930]) que resulta na valorização do lugar de sujeito que o artista de rua ocupa.

O sujeito1 completou as respostas dos sujeitos 2 e 3 da seguinte forma:

Se não for a gente pra continuar a cultura, a cultura vai se acabar, velho, porque a galera tá curtindo mais tecnologia, material feito por indústria e a galera tá largando de mão o artesanato. Se a gente não insistir no nosso manguieio, na nossa vida, ela vai se acabar. E nossos filhos vai tá onde, nossos netos? Cadê a cultura? Vai ser só em livro? Só vai ser quando tiver uma festinha? [...] Se a gente não propagar ela na rua, dentro, ninguém vai conhecer. A gente tem que começar é na rua”

Percebemos que a relação que os artistas de rua estabelecem com suas práticas são definidoras do lugar social que eles ocupam, ou consideram ocupar na sociedade, pois esse discurso acaba por dar indícios de uma singularização desse grupo em relação aos demais (SEVERO, 2008).

Além desses dados, foi interessante observar que a constituição como sujeito desses artistas se mostrou de forma múltipla: ora – e na maior parte do tempo – eles se autodenominaram artistas de rua, como mostrado em um excerto acima – *“a gente é artista de rua, véi[...]”* – ora, como *hippies*, como nos trechos a seguir da fala do sujeito2: *“Meu pai falou que eu virei hippie porque eu era preguiçoso”*. Além disso, o sujeito1 também se denominou hippie; ao ser questionado sobre o porquê de ter escolhido a UFAL para comercializar seus produtos, ele disse: *“Normalmente tem hippie que vai pra praia [...]”*. Isso evidencia o caráter de dispersão, de alteridade, do diálogo, do convívio, do discurso, do heterogêneo, do sentido e do devir, característicos do sujeito bakhtiniano, segundo Severo (2008).

A partir dessa análise de dados, foi possível perceber que a interação de vozes em relação de diálogo e/ou de conflito perpassa a constituição social dos sujeitos, artistas de rua, que comercializam seus produtos na UFAL. No contraponto entre o eu (*“a gente”*) e o outro (*“vocês”*, etc.), esses artistas demonstram dialogicamente o lugar que ocupam, ou pensam ocupar na sociedade. Além disso, podemos perceber que, nos seus discursos, esses sujeitos evidenciam marcas dialógicas que apontam para uma constituição que se mostra como produto dialógico entre diferentes instâncias sociais, evidenciando também o reflexo e a refração de discursos sociais preconceituosos em relação a suas práticas.

Dito isso, passemos às considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos investigar, por meio da linguagem, a constituição do sujeito de grupo social discriminado devido a suas práticas e ideologia de vida – artista de rua que comercializa sua arte na UFAL. Para tanto, lançamos mão da concepção social-ideológica de linguagem do grupo de estudiosos russos denominado Círculo de Bakhtin, bem como da concepção de sujeito a ela atrelado. Para cumprir esse propósito, realizamos entrevistas com três artistas de rua que comercializam seus produtos na UFAL e, a partir de excertos, analisamos as marcas alteritárias de constituição desses indivíduos como sujeito.

A partir da análise dos dados, foi possível perceber que a constituição do sujeito artista de rua que comercializa suas artes na UFAL se dá de forma dialogizada, com frequentes marcas de alteridade, evidenciando que o preconceito que se mostra nas relações sociais se faz presente por meio do discurso de outros sujeitos sociais, o qual se reflete em situações de constrangimento, nas quais esses sujeitos se veem percebidos como marginais, como mostrado no discurso do sujeito 1.

Isso aponta para o fato de que o sujeito se constitui na alteridade, por meio da linguagem, como defenderam Bakhtin/Volochínov (2006 [1929]). Além disso, percebemos, por meio dos seus discursos que esses sujeitos, assim como defende Severo (2008) sobre o sujeito bakhtiniano, mostram-se fortemente marcados, além da alteridade, pelo diálogo, pelo convívio, pelo discurso, pelo heterogêneo, pelo sentido e pelo devir.

Esses indícios dialógico-discursivos de constituição como sujeito dos artistas de rua servem para ratificar a noção de sujeito atrelada à compreensão de linguagem do Círculo de Bakhtin, para quem o sujeito é dialogicamente constituído, pela linguagem, na alteridade (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929]). Além disso, reafirmamos que o sujeito só pode ser visto por meio da sua linguagem.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BAKHTIN/VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, [1929], 2006.
- FANINI, A. M. R. Embate dialógico entre leitura e escrita: Manifestação de uma ética da ação discursiva a partir do Círculo Bakhtiniano. **Bakhtiniana**, São Paulo, 10 (2): 17-35, maio/ago. 2015.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- SANTOS, A. C. **Linguagem e construção de sentido: o dialogismo como característica base da interação verbal**. Revista Odisseia, Natal – RN, n. 15, p. 18-30, jul.-dez. 2015.
- SEVERO, C. G. Sobre o sujeito na perspectiva (do Círculo) de Bakhtin. **Revista eletrônica do Instituto de Humanidades**, n. XXV, vol. VII, p. 45-60, abr-jun 2008.
- TEIXEIRA, Marlene. O outro no um: reflexões sobre a concepção bakhtiniana de sujeito In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 227 – 234.
- VOLOCHÍNOV, V. A construção da enunciação. [1930] 2013. In: VOLOCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013.

## APÊNDICE

### QUESTÕES DE ENTREVISTA

- 1) Como você se define para a sociedade em relação às suas práticas? Por quê?
- 2) Descreva as dificuldades que você enfrenta na sua atividade e na vida em sociedade?
- 3) Sob sua análise, como você é visto pela sociedade?
- 4) Houve situações nas quais você se sentiu constrangido/a, a partir da atitude de alguém, por conta da atividade que você exerce? Se sim, descreva uma dessas situações.
- 5) Quais os lugares-alvo para a venda de seus produtos? Por quê?
- 7) Defina sua vida, seu trabalho, seus anseios.